



TEMPO DE MERGULHO DE BIGUÁS (*Phalacrocorax brasilianus*) E GAIVOTÕES (*Larus dominicanus*) DA PRAIA DOS MILIONÁRIOS, SÃO VICENTE – SP

Luana Barbosa Carvalho Nara - Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, ES;

Stephanie Cristina Bonome - Universidade Estadual Paulista, São Vicente, SP

INTRODUÇÃO

As espécies *Phalacrocorax brasilianus* e *Larus dominicanus* conhecidas popularmente como biguá e gaiivotão, respectivamente, são aves comumente presentes no litoral brasileiro (Novelli 1997) e com hábitos em regiões de grande impacto antropológico. Verificar o uso do habitat e o comportamento alimentar é fundamental para melhor compreender as características das espécies e desenvolver planos de manejo para a conservação dessas aves bem como dos ambientes em que estão inseridas. O *Phalacrocorax brasilianus* possui membranas interdigitais nos pés as quais permitem uma propulsão para o mergulho, de modo que priorizam a captura em natação subaquática (Telfair and Morrison 1995). Cremer *et al.* (2004) verificou que durante o ato alimentar os biguás nunca ficavam sobrevoando, permaneciam pousados na superfície d'água, mergulhando para capturar as presas. De acordo com o estudo de Evangelista (2007) a respeito de tempo de mergulho considerando os valores com e sem captura de presa o biguá leva de 25 à 0,9 segundos mergulhando. Já *Larus dominicanus* pode ser identificado facilmente por seu bico amarelo apresentar uma mancha vermelha na ponta da maxila (Novelli 1997). Realiza seu mergulho do ar, pesca em profundidades rasas e apresenta o hábito de cleptoparasitismo (Cremer *et al.* 2004). Não encontramos registro de seu tempo de mergulho. A região da Praia dos Milionários apresenta cerca de 200 metros de extensão e se encontra situada junto às pedras da Ilha Porchat. É a praia mais tranquila de São Vicente e sua localização propicia uma visão ampla da baía de São Vicente até a região da Ponte Pênsil facilitando a observação das aves ao longo de uma área extensa. Existem poucos estudos para ambas as espécies em especial na região litorânea de São Paulo onde temos uma alta influência urbana, assim esse estudo tem o intuito de contribuir com dados a respeito do comportamento de mergulho do biguá e gaiivotão.

OBJETIVOS

O estudo teve como objetivo principal verificar o tempo de mergulho das espécies e os horários de suas atividades na região de estudo.

MATERIAL E MÉTODOS

Durante o inverno de 2009 realizamos quatro observações de aproximadamente três horas durante o período da manhã. Estipulamos um n amostral igual à trinta considerando a quantidade de mergulhos independente da quantidade de indivíduos. Como para os gaiivotões em alguns dias não obtivemos o n esperado realizamos um sorteio aleatório simples de seus dados. Para os resultados estatísticos utilizamos os programas Excel, no qual estabelecemos as médias e desvio padrão, e Bioestat 5.0, para a normalidade baseada nos valores extremos e o teste T de duas amostras independentes.

RESULTADOS

Biguá apresentou maior atividade a partir das 10 horas enquanto o gaivotão teve sua atividade entre 9h30min e 10h30min. Quanto ao tempo de mergulho o biguá apresentou valores entre 5 e 7 segundos com uma média de 5,46 (Desvio padrão de 0,77) e já o gaivotão valores entre 1 e 2 segundos com média de 1,33 (Desvio padrão de 0,47). A diferença entre os tempos de mergulho foi significativa ($p < 0,0001$) sendo o mergulho do gaivotão mais rápido.

DISCUSSÃO

As espécies apresentaram diferentes estratégias de pesca, exatamente como encontrado na literatura, as quais justificam os diferentes tempos de mergulho observado. O período de alimentação também se apresentou diferente, uma possível justificativa é que tal hábito tenha sido adotado para evitar a competição. Mas as observações foram realizadas apenas na parte da manhã, talvez no período da tarde esses hábitos mudem.

CONCLUSÃO

Há diferença no tempo de mergulho entre as duas espécies, sendo o gaivotão mais rápida. Possíveis estudos a respeito da eficiência de mergulho e alimentação de restos deixados na praia são essenciais para esclarecimento de questões referentes ao uso do habitat e a interferência humana no modo de vida das espécies. Um acompanhamento de longo prazo se faz necessário para inferir a respeito do uso de área dessas espécies para esclarecer a hipótese que os diferentes intervalos de alimentação existam como uma ferramenta das espécies evitarem a competição bem como avaliar se a presença humana em épocas de temporada possam modificar seus comportamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CREMER, M. J.; SIMÕES-LOPES, P. C.; PIRES J. S. R., 2004. Interações entre aves marinhas e *Sotalia guianensis* (P. J. Van Bénédén, 1864) na Baía da Babitonga, sul do Brasil. *Revista brasileira de Zoociências* Juiz de Fora. 6 (1): 103-114.

EVANGELISTA, C. L. 2007. Atividade diária de *Phalacrocorax brasilianus* (Phalacrocoracidae, Aves), no ecossistema Saco da Fazenda, Itajaí, SC. Dissertação do bacharelado. Universidade do Vale do Itajaí, SC.

NOVELLI, R. 1997. Aves marinhas costeiras do Brasil: identificação e biologia. Porto Alegre: Cinco Continentes. 92p. Prefeitura Municipal de São Vicente – disponível em <http://www.saovicente.sp.gov.br/galerias/visualizargaleria.asp?ID=19>. Acessado em 05 de abril de 2009.

TELFAIR, R. C. II; MORRISON, M. L., 1995. Neotropic cormorant (*Phalacrocorax brasilianus*). In: Poole A, Gill F (eds) *The birds of North America*. The Academy of Natural Sciences, Washington, DC and The American Ornithologist's Union, Philadelphia. 137:1–22.